

# MAX

# MORENO

## A ROTINA DOS CARAS



Editora

## A ROTINA DOS CARAS

NO PAINEL DO CARRO, O RELÓGIO DIGITAL marca 15h32 quando o veículo sobe a Rua Jorge Resende de Jesus e atravessa uma viela que delimita a Vila Copacabana e o Jardim São Silvestre. O sol forte reforça a ideia de que a temperatura beira os trinta graus, e a cidade parece mergulhar num caldeirão do inferno. Os quatro ocupantes do veículo desafiam o mormaço que invade as janelas e desliza sorrateiro pelo ambiente. São homens com idade entre vinte e três e trinta e cinco anos, e não parecem nem um pouco preocupados com o calor; ostentam um bom humor curioso e *jogam conversa fora* ignorando o desconforto provocado pela temperatura elevada.

– Cara, tá foda torcer para o Flamengo atualmente – diz o passageiro que ocupa o banco do carona. – Tu acredita que o “Mengão” perdeu ontem de novo?

– Relaxa, meu chapa. O Brasileirão é assim mesmo. Um sobe e desce do caralho! – responde o motorista, suas mãos grudadas ao volante.

– Tu fala isso porque o teu time tá na ponta.

O outro sorri, orgulhoso. Gosta de falar sobre futebol, sobretudo quando o seu time está bem posicionado na tabela da competição. Na verdade, mesmo quando o time não está lá essas coisas, ele dá um jeito de se gabar da aquisição do passe daquele jogador famoso. “Porra, o cara é um puta craque, meu”. Estufa o peito para falar da atuação do jogador na última temporada da Copa dos Campeões, e dos inúmeros gols que estão enlouquecendo os narradores e comentaristas esportivos do mundo todo. “Um jogador desses, só podia vir para o Corinthians mesmo”.

O sujeito no banco do carona sorri com desdém, fazendo um discreto movimento de reprovação com a cabeça.

Enquanto conversam, o homem ao volante não tira os olhos da estrada e pisa fundo no acelerador, passando – sem se preocupar – por ruas esburacadas, à medida que desvia e ultrapassa os carros que surgem à sua frente. A alta velocidade do carro com os quatro homens, faz com que alguns motoristas – talvez, movidos pela política da boa educação no trânsito – facilitem a ultrapassagem sem oferecer a resistência competitiva inerente àquela parcela de condutores que ostentam um *saco escrotal* entre as pernas.

Os dois ocupantes do banco de trás também estão entusiasmados. Falam do churrasco da sexta à noite, da gostosa – colega de trabalho – que todo mundo está querendo *pegar*, do *pen drive* com mais de trezentas músicas

sertaneja e até do financiamento do carro novo – um Nissan HB20 sedam – que um deles fez na segunda feira passada.

- Tá podendo, hein cara? – pergunta o parceiro.
- Estou é me *fodendo, rapaz* – respondeu o outro, num tom sorridente.
- Agora vou ter que arrumar um *trampo* extra pra poder pagar a *porra* das parcelas.
- É sem dúvida um *problemão!* A ironia está em cada palavra.
- Pode crer.

O veículo segue ziguezagueando pela cidade, deixando para trás pessoas apressadas, em busca de um supermercado para as compras do fim de semana. Após aproximadamente quinze minutos, o carro dobra à esquina da Avenida Presidente Getúlio Vargas e desliza por mais dez quarteirões antes de parar em frente a um gigantesco portão de metal em cujo a inscrição – ao lado de um brasão em tons dourados – pode-se ler “11º Batalhão de Polícia Militar”.

Logo o controle remoto é acionado e o veículo adentra o local, estacionando em seguida. Os quatro homens saltam do carro.

Os dois policiais nos bancos da frente descem primeiro e seguem conversando animadamente, enquanto se recostam no capô da viatura. Os outros dois – no banco traseiro – demoram algum tempo antes de descerem do veículo, e quando o fazem levam mais alguns segundos ajustando seus respectivos cinturões multiuso. Os dois também conversam, sem demonstrar pressa.

Quase cinco minutos depois, um dos policiais que estão sentados no capô do carro, dirige a palavra a um dos companheiros lá atrás – que agora se apoiam nas portas laterais da viatura.

– Vai lá, Guedes, e tira logo esse *filho-da-puta* de dentro da gaiola da viatura. Chegou a hora *da gente* mostrar *pra* ele porque o crime não compensa.

O policial lança um olhar ao Cabo Oliveira – seu superior – e sorri satisfeito, mostrando seus dentes brancos e devidamente alinhados. Não consegue disfarçar o prazer que sente pela profissão que escolheu.

Dentro do porta-malas com formato de gaiola, um jovem delinquente – com tatuagens dos pés à cabeça – começa a se preparar para o pior.